

Ortega y Gasset antecipa a questão sempre latente nos seus ensaios, e que Gilles Lipovetsky dará plena atenção, a de compreender o fenómeno global de **desagregação da sociedade tradicional** e a conseqüente emergência de um modo de socialização e individualização completamente novos. Tal expressa-se na ruptura com os ideários universalistas-rigoristas e as ideologias coercivos, pulverizando-se a autoridade em detrimento de um princípio imediatista de realização pessoal.

Vemos aqui uma analogia notória com a crítica spengleriana à ascensão do ‘vil metal’ à categoria de pensamento urbano do homem desenraizado, que traz, subjacente, uma tendência conquistadora traduzida num ‘ganho’, num ‘lucro’, numa ‘especulação’. Essa vitória, que é aquela que o dinheiro conquistou enquanto valor dominante e onnipresente, e que presentemente o sentimos na sua verdadeira dimensão - o advento do capitalismo internacional sem rosto, multinacional e apátrida. Tal é, agora, o efeito e a causa da ‘crise fáustica’ a que constatamos, e que se traduzirá no seu apagamento vital.

As modas, elementos-chave desta nova mundivivência, estão determinados por aquilo a que Ortega y Gasset chama ‘entusiasmo pelo corpo. O autor madrileno considera uma obsessão, o cultivo quase mecânico e extravagante de uma dimensão puramente material e exteriorizada (corporal), imagem essa que amplificamos para o domínio do Outro, numa relação de quase-poder, de um modo absolutamente servil e individualista. Banalidade quotidiana, actividade física e consumo permanente, eis o retrato orteguiano, também nitidamente ‘*pessimista*’ e desencantado.

Hoje vivenciamos uma forma de estar e sentir *personalizados*, centrada no ‘eu’ individualizado. Há como que uma existência individualista personalizada, mas eminentemente pluralista, já que não existe uma norma única de ‘verdade’. O estímulo da personalização através da comunicação e do consumo faz-se agora tendencialmente pela via do ‘*hedonismo massificado*’ e do *jogo*, encarados como formas de ‘ocupação’ na diversão, na evasão e na irrealidade. Enquanto jogamos, não fazemos nada.

É interessante que no seu pequeno escrito *A Ideia do Teatro*, Ortega chama-nos a atenção para essa quase-necessidade da ‘*farsa*’, pela nossa necessidade de construirmos uma quase-irrealidade (um ‘*ultramundo*’) que é apanágio do ‘*ludus*’ como jogo evasivo. Isto significa uma técnica de diversão que, em última análise e bem à maneira do ‘*divertissement*’ pascaliano, mais não visaria que suspender virtualmente a

sua própria escravidão existencial dentro da realidade, evadindo-se para uma outra vida irreal, imaginária, fantasmagórica. Neste sentido é que se deve compreender a ideia orteguiana apresentada em *Meditacion de la Tecnica* segundo a qual o jogo, enquanto programa vital extranatural, não passa de um luxo vital ou uma ‘zona de *otium*’, por oposição à do ‘*nec-otium*’ com a carga negativa que a perspectiva de Ortega lhe confere. A *distracção* seria assim uma dimensão paralela de ‘*ultravitalismo*’, consubstancial à vida real, tornando-se uma das grandes dimensões da cultura contemporânea. Vejam-se, por exemplo, a importância crescente dos programas televisivos de *entertainment*!

Actualmente, tudo parece girar em torno das grandes ideias de sedução, efemeridade e diferenciação marginal, o ‘*destino geral da efemeridade*’, como afirmava Oswald Spengler. Isto acaba por ter reflexos ao nível do modo como nos encaramos aos outros e a nós mesmos. Mas tudo isto comporta riscos, como é evidente. Os riscos de hoje em dia afectam todos os países, povos e classes sociais, pois como dizia Ortega y Gasset, já não existem ‘*ilhas de humanidade*’. As consequências serão sempre *globais* e já nunca e tão só, pessoais. Frente a isso, só existe a gestão do risco, a qual obriga o homem a ajustar-se e a responder constantemente às ‘*circunstâncias*’ com vista a vencer e a superar as suas incertezas.

Ortega y Gasset é, pois, obreiro dos tempos em que vivemos, ou seja, da mundialização da contemporaneidade (global) ou pós-Moderna, omnipresente nos mais singelos e ínfimos actos do quotidiano. Nada mais, nada menos, que aquilo que Oswald Spengler afirmava, quando se referia ao ‘*sentimento universal faustico*’ como expressão final de um ciclo orgânico que se fechava esgotando as possibilidades de expressão criação da cultura presente. O perigo da homogeneização, da estandardização, da banalização cultural é algo de real, e que se instalou definitivamente à nossa volta. O próprio Ortega aponta para o mérito de Spengler, a sua ‘*claridad*’, em ter atingido o verdadeiro objecto histórico- a *cultura*. A riqueza da reflexão orteguiana, mostra-nos a sua pertinência nas ideias de ‘*decadência*’ e de ‘*massificação*’, na vivência desta onda de mudança – a pós-Modernidade - o qual rompe com todos os cânones conhecidos, destruindo a noção de sujeito racional e unificado, colocando no seu lugar um sujeito fragmentado, dividido e descentrado. Efectivamente, com a ascensão de uma nova classe operária no Ocidente (burguesia), e o surgimento de elites cultas fora do espaço europeu e ocidental, que intentavam lutar contra os valores estabelecidos, todos

contribuíram para a **emergência de uma autoridade política global e hegemônica** (o capitalismo). Daí á globalização, é um pulo.

A pós-Modernidade foi o termo que ficou consagrado culturalmente e se aplicou a um amplo conjunto de mudanças ocorridas nos mais variados campos da realidade. Tratar-se-ia, segundo Lipovetsky, de uma autêntica *'mutação histórica'*, ou ruptura, que sublinhava um mesmo problema: a desagregação da sociedade, do indivíduo e, em seu lugar, a emergência de uma nova época moldada pelo consumo em massa, paralelamente com uma **crise geral das meta-narrativas da cultura ocidental** e do **esgotamento das ideologias clássicas**. Por alguns considerado uma *'época histórica'* identificada com a sociedade pós-industrial, ou mesmo pós-capitalista, assistimos à onipotência do **consumo** que passa à frente da produção tornando a clássica *'luta de classes'* um conceito obsoleto. Verdade, estrutura e realidade, são todas postas em causa, nas mais variadas áreas da sociedade.

Vemos surgir um novo estilo de vida que corta, transversalmente, toda a realidade cultural, e que tem o seu ponto alto no desenvolvimento da computação nos anos sessenta. Desenvolve-se rapidamente com a arte *pop* e mostra-se na filosofia durante os anos setenta, como expressão crítica da sociedade e cultura ocidentais. Hoje, amadurece, alastrando-se noutras áreas *'periféricas'*, como a moda, o cinema, a publicidade, a música, o desporto, seduzindo um estilo de vida atractivo, tecnocientífico e *'blip'*, sem que se chegue a um consenso. Afinal esta época caracteriza-se por um renascimento cultural, ou é, afinal, expressão prática daquela tão consagrada *'decadência'* spengleriana, já prefigurada nos inícios do século XX? Será que este sentimento de vazio e irrealidade, cuja essência é a **fugacidade e a efemeridade**, não é o sinal da fragmentação do real em simples imagens, signos, sem sentido?

José Ortega y Gasset teve o condão de nos trazer alguns tópicos que se tornaram antecipatórios das grandes tendências da pós- Modernidade, a saber:

**O nivelamento da época e da sociedade, erradicando-se as hierarquias baseadas no valor*

**A banalização e o populismo dos gostos e tendências estéticas*

**A emergência do individualismo/narcisismo e a sua desafeição ao social*

**A des-substancialização do 'eu' e a sua desafeição político-ideológica*

**O crescimento e monopólio dos mass-media, que criam um sentimento de desejo*

Pode dizer-se que apesar de Ortega ter uma visão *sui generis* quiçá aristocrática e selectiva da sociedade e da vida, não deixa de ser verdade que está de acordo na necessidade de se ter em conta a ‘razão histórica’, de ter desenvolvido uma ‘filosofia da história’ assente na cultura da vida como verdadeiro objecto histórico. A noção de ‘sujeito’ é a ideia-chave que acompanha o dealbar desta nova época. A ideia de natureza humana designada por Kant como ‘sujeito transcendental’ e entendida como uma categoria objectiva e moral, foi objecto de uma subversão total, já que passou a negar a essencialidade dos seres humanos, abrindo-se caminho à alteridade, á singularidade e á unicidade dos indivíduos.

O sujeito que era visto como uma categoria universal e certeza cognitiva, passa agora a ser entendido como uma *entidade fragmentada de pulsões e desejos*, exterminando a harmonia do *cogito* cartesiano e dissolvendo-se num caos absurdo de imagens e expressões. As oposições antinómicas perdem o seu fulgor. Por outro lado, nega-se o carácter cumulativo e sócio-histórico do progresso, afastando-se de quaisquer ideias mecanicistas e positivistas. Não há na história um percurso racional nem um qualquer triunfo racional, pois pura e simplesmente ela é descontínua.
